

Trabalhadores da morte – dilemas éticos

Death workers – ethical dilemmas

Vanuzia Ribas*

Francivaldo Almeida Gomes**

86

APRESENTAÇÃO DO SERVIÇO FUNERÁRIO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Em 02 de abril de 1876, pela Lei No. 69, criou-se o Serviço Funerário do Município de São Paulo, estabelecendo-se contrato entre a Santa Casa e a Assembleia Provincial, reservando a ela o privilégio da organização dos serviços de transportes dos cadáveres e fornecimento de caixões para sepultamento.

Em 1893, a Santa Casa repassou à empresa Rodovalho & Cia a subconcessão dos serviços funerários, permanecendo com a família Rodovalho até o ano de 1941.

Até abril de 1856, o transporte, bem como o sepultamento, era, por tradição, responsabilidade da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1956, com a epidemia da varíola, a Câmara Municipal resolve tomar para si a responsabilidade e contrata o empresário Joaquim Marcelino da Silva para fazê-lo.

A partir de 1958, com a Lei No. 5.562, o Serviço Funerário do Município de São Paulo (SFMSP) foi transformado em Autarquia, sendo caçadas todas as licenças para empresas “terceirizadas”.

Desde então, o SFMSP detém a competência exclusiva para a realização dos serviços de traslados, velórios e sepultamentos de óbitos ocorridos na cidade de São Paulo, velados e sepultados nos Cemitérios Municipais e/ou particulares, além da remoção de corpos para o Serviço de verificação de óbito (SVO) do Hospital das Clínicas de São Paulo. Sendo assim, o SFMSP atua nos seguintes segmentos: Recorps (vulgarmente conhecido como Rabecão) – efetua a remoção de

corpos para o Serviço de Verificação de Óbitos do Hospital das Clínicas para exames e/ou investigação de mortes por causas naturais; Agências de Contratação de Funeral – 14 Agências para atendimento, instaladas em pontos estratégicos da cidade para facilitar o acesso aos municípios; Remoção – 50 viaturas e 191 motoristas para executar o transporte dos corpos para velórios, cemitérios e remoção para fora do município; Enterro – 22 Cemitérios distribuídos na capital e 01 Crematório Municipal; Velórios – 18 dependências / unidades com 116 salas, junto aos Cemitérios Municipais.

O Serviço Funerário do Município de São Paulo conta com 1390 servidores, entre efetivos, comissionados e admitidos para comportar a demanda dos serviços prestados à população de São Paulo.

Tendo apresentado essas informações, discutiremos a seguir a vivência do trabalho ao longo dos tempos e as diversas impressões percebidas junto aos familiares no momento da despedida de seus entes queridos.

DEPOIMENTO DE VANUZIA R. RIBAS

Meu nome é Vanuzia, atualmente lotada na Seção Técnica de Recursos Humanos. Há 5 anos, atuo como encarregada do Setor Téc. de Treinamento do Serviço Funerário. Ingressei no serviço há 20 anos, permanecendo no atendimento aos municípios por 15 anos, e, ao longo desse tempo, presenciei as mais variadas reações de sentimentos dos familiares no momento da perda.

Partindo para os “dilemas éticos da profissão”, nos deparamos com as mais variadas situa-

* 43 anos. Administradora de Recursos Humanos. Pós-graduanda em Gestão Pública. Servidora do SFMSP desde 1991.

** 44 anos. Servidor do SFMSP desde 2000.

ções e/ou impressões dos familiares no momento de contratar os serviços de funerários. Podemos citar a desconfiança dos familiares quanto aos valores de que deverão dispor para fazer o sepultamento, as ofensas diretas de contratantes que chegam a nos taxar de “mafiosos”, motivados muitas vezes pela imagem “arranhada” ou negativa que a mídia divulga em relação à atuação de alguns de nossos colegas servidores. Esses agem de forma negativa e contrária ao que é previsto e estabelecido como função do servidor público, apresentando comportamentos que fogem dos padrões da ética da função pública, o que não justifica ser a postura generalizada dos profissionais que ali estão no atendimento. Por outro lado, temos registros de elogios e agradecimentos pela forma como tanto os familiares quanto os falecidos são tratados. Temos exemplos e depoimentos de colegas de trabalho, principalmente os sepultadores, que são tratados pelas famílias com respeito e lembrados todas as vezes que vão visitar os túmulos de seus parentes falecidos.

Ao me perguntarem se já ocorreu algum fato inusitado ou algum pedido especial na hora da contratação de funeral, ou se já recebi pedido para “tratar de modo diferente algum corpo”, respondo que já ocorreram várias situações, como por exemplo, um falecido que era casado na região norte do país e que, chegando em São Paulo, constituiu nova família e, na hora de definirem com quem era casado, começou uma longa discussão, em função dos bens que o falecido deixava. Nesse momento, precisei interferir e pedir que ficassem no balcão de atendimento da agência apenas duas pessoas, para passar as informações necessárias para a produção da Declaração de Óbito para o sepultamento e assentamento em cartório, e que posteriormente deveriam procurar um advogado para resolverem a questão dos bens e da sucessão.

Outra situação de constrangimento pela qual passei foi quando uma senhora, muito abalada pela perda da mãe, dirigiu palavras de ofensas a mim por eu estar discutindo um tema que não estava vinculado ao atendimento dela. Eu estava no balcão ao lado do atendente que agilizava o serviço e esbocei uma expressão de riso, embora não tivesse de fato rindo, apenas a expressão facial de um riso. Isso fez com que a

senhora me chamasse de cínica e mal-educada, dizendo que eu estava rindo por não ter sido a minha mãe que morrera; nesse momento, precisei me retirar da sala para não provocar outras reações daquela senhora.

Quando nos referimos ao tempo de esperas nas remoções dos corpos para os velórios, assim como para os sepultamentos, principalmente os corpos que estão no Serviço de Verificação de Óbitos e Instituto Médico Legal, temos muitos problemas e recebemos muitas reclamações dos familiares, que já chegam com sobrecarga de sofrimento emocional e desconhecimento dos procedimentos a serem adotados durante a contratação do funeral, uma vez que o ser humano não está preparado para a perda ou morte das pessoas. Esse desconhecimento dos trâmites e tempos regulares dos procedimentos funerários acarreta perda de tempo durante o percurso, culminando em reações de extrema agressividade que atingem mais diretamente o sepultador, que é o último contato da família e despedida do falecido. Nesse momento, qualquer burocracia ou ocorrência que vier a causar mais desgaste para a família será crucial para gerar tumulto e reação de revolta nos familiares.

Surgem questionamentos sobre como os “profissionais da morte” convivem com suas famílias. Como administram no dia a dia o fato de trabalharem com a morte? Existe apoio psicológico ou trabalho desenvolvido no sentido de dar suporte aos servidores?

Infelizmente, não temos nenhum trabalho voltado ao apoio psicológico dos servidores que atuam no atendimento direto com os familiares enlutados, como motoristas e sepultadores. Já houve questionamento de vários servidores sugerindo e cobrando esse tipo de atenção, mas, infelizmente, verificamos que há impedimentos na legislação, para tomar algumas medidas simples e práticas para melhorar o impacto emocional, uma vez que não podemos expressar qualquer tipo de reação e envolvimento emocional durante o trabalho. Os “profissionais da morte” sofrem muito com o preconceito da sociedade, também dos próprios colegas de outras secretarias da municipalidade que, ao ouvirem falar que trabalhamos no Serviço Funerário, simplesmente desviam o assunto e se afastam discretamente, para não

lembrar da “morte”; tudo em função da nossa cultura, que não educa e não aceita o fato de que um dia iremos partir.

Na atual administração, temos um grupo de profissionais, composto por assistente social, psicólogo e médica da área clínica, que implantaram o “*Projeto Acolher*”, criado com o propósito de desenvolver trabalho de terapia e acompanhamento dos servidores que apresentam problemas de dependência química e álcool, com o apoio da irmandade AA, Al-Anon, e dos próprios familiares, realizando encontros semanais para tentar cuidar ao menos desses servidores. O projeto ainda está em fase de implantação e crescimento e esperamos alcançar resultado positivo e duradouro com a adesão de todos os servidores que apresentam o problema de dependência química e álcool.

Além desse trabalho, ao longo de 2010, realizamos a parceria com a equipe do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP, que, graças ao curso “Morte e Desenvolvimento Humano”, conseguimos atender 280 sepultadores e, em 2011, mais 130 servidores de cemitérios e outras unidades administrativas do Serviço Funerário, possibilitando a melhora de sua autoestima.

DEPOIMENTO DO FRANCIVALDO ALMEIDA GOMES

Meu nome é Francivaldo Almeida Gomes, vulgo “Popó”, ex-sepultador, profissão mais popularmente conhecida como “coveiro”. Ingressei no Serviço Funerário em 2000, no último concurso realizado para sepultador, e atualmente atuo como Monitor de Arte Tumular no Cemitério da Consolação, região central de São Paulo, onde se encontram sepultadas várias personalidades que contribuíram e fizeram parte da história da Cidade de São Paulo, tornando aquele local um museu histórico a céu aberto. Ali recebemos a visitação de escolas públicas e privadas, assim como de turistas de outros países, como, por exemplo, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Itália e Alemanha. Ali, também, recebemos crianças e professores do Projeto “Amigos Zippy”^a, cujo objetivo central é educar nossas crianças para a

aceitação e entendimento do tema da “morte”, uma vez que a sociedade se esquivava em falar do assunto, presente o tempo todo entre nós e uma realidade de que não podemos escapar. Nas visitas ao cemitério, procura-se quebrar esse preconceito acerca da morte, que é vista pela sociedade como lúgubre e, em outros casos, tornando-se banalizada pelo distanciamento e frieza com que passou a ser tratada.

Por outro lado, estamos enriquecendo a história do nosso país, concentrada dentro do primeiro Cemitério Público Municipal da Cidade de São Paulo, inaugurado em 15 de agosto de 1858.

Surgem perguntas: como é trabalhar com a morte? Como é a aceitação por parte da minha família? O que me levou a trabalhar no Cemitério? Teria sido falta de opção ou escolha?

Vim para São Paulo na década de 1980. Na ocasião, comecei a trabalhar na construção civil, como servente de pedreiro e me orgulho de ter contribuído para a construção da cidade de São Paulo. Por exemplo, ajudei a construir um dos bancos mais famosos da cidade de São Paulo, que se encontra na Av. Paulista – a sede do Citibank; hoje, ao passar ali em frente, lembro até de uma música do cantor Zé Geraldo “Tá vendo aquele edifício, moço, ajudei a levantar”. Sinto orgulho por tudo isso. Posteriormente, trabalhei como porteiro e, após algum tempo desempregado, surgiu a oportunidade de prestar concurso público e trabalhar como “coveiro”, hoje alterada a nomenclatura para “sepultador”, como já foi dito. De imediato, fui trabalhar no Cemitério da Consolação, onde tive a oportunidade de conhecer o que viria a ser o meu professor de Arte Tumular, o advogado Délio Freire dos Santos, então Administrador daquele Cemitério. Foi ele a “pessoa-mestre” que me repassou os conhecimentos necessários ao meu preparo e desenvolvimento dos trabalhos que desempenho hoje, como monitor daquela necrópole. No princípio, foi muito difícil, pois antes eu trabalhava com os vivos e passei a trabalhar com os mortos. No início das minhas atividades como sepultador, no momento das refeições, por exemplo, não conseguia me alimentar, conseguia somente tomar um copo de suco e isso se estendeu por volta de 15 dias con-

a. O programa “Amigos do Zippy” faz parte da Associação para Saúde Emocional das Crianças. Disponível em: www.amigosdozippy.org.br

secutivos, porque eu me envolvia muito com o sentimento da perda e me associava muito com o sofrimento da família.

Ao me questionarem quanto aos trabalhos rotineiros, se houve algum caso que chamasse mais a minha atenção, ou algum fato marcante ao longo desses anos, respondo que houve sim. Um caso que me marcou muito foi quando, em um dos sepultamentos, percebi que durante o tempo que o féretro permaneceu na capela central do Cemitério, um dos presentes, provavelmente um dos parentes mais próximos do falecido, portava um toca CD e o tempo todo tocava a música, o chorinho “Ave Maria”, do cantor Jorge Aragão. Ao sair com o féretro para o local do sepultamento, a música continuava tocando repetidamente até o final da cerimônia. Lembro que, antes de fechar o caixão, um dos familiares pediu pela última vez para repetir o chorinho, porque essa era a música predileta dele. Isso me marcou muito. Por onde ando, na rua, no centro e em qualquer lugar, ao ouvir esse chorinho do Jorge Aragão, me lembro desse sepultamento, o

mais sereno e tranquilo que presenciei.

Outro fato marcante ocorreu numa visita realizada por uma escola que seguiu todo o ritual ou os passos do projeto “Amigos do Zippy” e, finalmente, foi realizar o ato de sepultamento do bichinho Zippy, quando fui abordado por uma criança que não sentiu medo dos mortos e por estar visitando o Cemitério. O que me sensibilizou no final da visita foi o garotinho me fazer a seguinte pergunta – “Tio Popó, será que o motorista do ônibus não está comendo o meu lanche?”.

Respondi “Não filho, o seu lanche está lá, agora a visita já terminou e você vai até o ônibus comer o seu lanchinho...”.

Aqui encerramos nosso depoimento, registrando os agradecimentos pela oportunidade de divulgar a Autarquia do Serviço Funerário onde trabalhamos e expressar o privilégio que sentimos em poder contribuir com os trabalhos de relevante importância dessa Instituição de Formação Superior, mais especificamente o “LEM – Laboratório de Estudos sobre a Morte” e dizer do nosso orgulho por sermos profissionais que trabalham com a morte.